



ORDEM DO SUJEITO E COLOCAÇÃO DE CLÍTICOS NA ESCRITA BRASILEIRA DOS SÉCULOS XIX E XX: REFLEXOS DA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

ORDER OF THE SUBJECT AND PLACEMENT OF LITHICS IN THE BRAZILIAN WRITING OF THE NINETEENTH AND TWENTIETH CENTURIES: REFLECTIONS OF THE GRAMMAR OF BRAZILIAN PORTUGUESE

MARCO ANTONIO ROCHA MARTINS¹
SILVIA REGINA DE OLIVEIRA CAVALCANTE²
IZETE LEHMKUHL COELHO³

RESUMO: No campo disciplinar da sintaxe diacrônica, analisamos, neste artigo, a mudança na ordem do sujeito e na colocação de clíticos em sentenças matrizes em ambientes neutros ([XP])[XP]V em textos de jornais brasileiros de diferentes estados e em cartas pessoais escritas por brasileiros, no curso dos séculos XIX e XX. O objetivo principal é apresentar evidências empíricas que justifiquem uma mesma mudança microparamétrica na gramática do Português Brasileiro (PB) correlacionada à evolução de dois fenômenos sobejamente descritos: (1) o enrijecimento da ordem Sujeito-Verbo em estruturas transitivas e (2) o aumento da próclise em ambientes neutros [(XP)XP-cl-Verbo]. Defendemos a hipótese de que a próclise gerada pela gramática do PB no contexto [XP]V aparece com mais robustez apenas em textos brasileiros oitocentistas da segunda metade do século XIX, momento em que reflexos de uma gramática do tipo-SV também se revela expressivamente nesses mesmos textos. Nessa direção, buscamos evidências de que a escrita da primeira metade do século XIX reflete, ainda, propriedades de uma gramática do tipo-V2, como o Português Clássico (PCI). Os resultados evidenciam diferentes forças linguísticas e diatópicas que mostram a escrita do Rio de Janeiro e da Bahia mais conservadora do que a dos estados do Ceará, de Pernambuco e de Santa Catarina, atuando no condicionamento da próclise em ambiente neutro ([XP])[XP]V. Esses resultados parecem validar a hipótese investigada: em textos da primeira metade do século XIX atuam, ainda, forças de uma gramática conservadora com sujeitos nulos e com propriedades de uma língua do tipo-V2 em que qualquer constituinte, inclusive o sujeito, pode estar numa posição anterior e contígua ao verbo, como o PCI; em textos da segunda metade do século XIX e do século XX atuam forças de uma gramática com sujeitos realizados em SV, como o PB.

Palavras-chave: posição do sujeito; próclise; português brasileiro.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)/CNPq, Florianópolis, SC, Brasil. marcomartins.ufsc@gmail.com

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3999-3893>

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. silviaregina@gmail.com

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-3264-3572>

³ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)/CNPq, Florianópolis, SC, Brasil. izete.lehmkuhl.coelho@ufsc.br

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-6865-6004>

ABSTRACT: In the disciplinary field of diachronic syntax, we analyze, in this article, the change in the order of the subject and the placement of critics in matrix sentences in neutral contexts ([XP])[XP] V in texts of Brazilian newspapers from different states and in personal letters written by Brazilians during the 19th and 20th centuries. The main objective is to present empirical evidence that justifies the same microparametric change in the grammar of Brazilian Portuguese (BP) correlated to the evolution of two phenomena described above: (1) the stiffening of the Subject-Verb order in transitive structures and (2) the increase of proclisis in neutral contexts [(XP)XP-cl-Verbo]. We defend the hypothesis that the proclisis generated by the BP grammar in the context [XP]V appears with more robustness only in Brazilian 19th century texts of the second half of the 20th century, moment in which reflections of an SV-type grammar are also expressively revealed in these same texts. We evidence that the writing of the first half of the 19th century still reflects properties of a V2-type grammar, such as Classical Portuguese (PCI). The results presented show different linguistic and non-linguistic (diatopic) forces acting in the conditioning of proclisis in a neutral environment ([XP])[XP]V that seem to validate the hypothesis investigated: in texts from the first half of the 19th century, the forces of a conservative grammar with null subjects and with properties of a V2-type language in which any constituent, including the subject, can be in an anterior and contiguous position to the verb, such as PCI; in texts from the second half of the 19th century and the 20th century, the forces of a SV-type language, such as PB, also act.

Keywords: position of the subject; proclisis; brazilian portuguese.

INTRODUÇÃO⁴

Apresentamos neste artigo uma análise da mudança na ordem do sujeito e na colocação de clíticos em sentenças matrizes em ambientes neutros ([XP])[XP]V em textos retirados de jornais brasileiros de diferentes estados e em cartas pessoais dos séculos XIX e XX do estado do Rio de Janeiro. Tomamos para análise dados dos *corpora* do *Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB)* e do *Corpus Histórico da Língua Portuguesa (HistLing)* da Universidade Federal do Rio de Janeiro⁵. O objetivo primeiro é apresentar evidências empíricas que correlacionem a evolução da próclise em ambientes neutros ([XP])[XP]V e a ordem SV a uma mesma mudança microparamétrica (nos termos de BIBERAUER *et al.*, 2010) no licenciamento da posição estrutural disponível para sujeitos preverbiais na gramática do português brasileiro (PB).

No que diz respeito à ordem do sujeito, diferentes estudos têm atestado que, em textos brasileiros escritos no século XIX, há vestígios de uma gramática do tipo-V2, como o Português Clássico (PCI), tal como definem Galves e Paixão de Sousa (2017), com inversão do sujeito em contextos não inacusativos, conforme dados em (1) a seguir; e que em textos do século XX apenas dados com anteposição do sujeito, em SV(O), são encontrados (cf. BERLINCK 1989, 1995; COELHO, 2006; COELHO; MARTINS, 2009; CAVALCANTE, 2018; BERLINCK; COELHO, 2018).

⁴ Uma versão deste texto foi apresentada no Simpósio Temático “A língua portuguesa no tempo e no espaço: um laboratório da mudança linguística”, no Congresso Internacional ABRALIN 50 anos, em Maceió/Brasil em maio de 2019. Agradecemos as sugestões da plateia por ora da apresentação e dos pareceristas da CEL, assumindo que os erros remanescentes são de nossa inteira responsabilidade.

⁵ Os textos dos *corpora* PHPB estão disponíveis em <<https://sites.google.com/site/corporaphpb/>>.

(1) [XP]VS

a. [19,2 CP RJ]⁶ *Em 2 do corrente escrevi-te dando conta das despesas que fez o Chico durante o mez passado.*

b. [19,2 A RJ] *Domingo 21 do corrente deve ter lugar a festa da padroeira, prega ao evangelho o Padre José Herculano da Costa Brito, (...)*

(BERLINK; COELHO, 2018, p. 310)

Em relação à sintaxe dos pronomes clíticos, de igual modo, estudos têm evidenciado em textos do século XIX propriedades do PCI, como interpolação em sentenças matrizes sem atrator, interpolação de constituintes diferentes do marcador de negação frásica (não)⁷ e sentenças com subida de clíticos e próclise ao verbo finito em ambientes sem atrator (cf. CARNEIRO, 2005; MARTINS, 2009, 2018), como dados em (2), (3) e (4) a seguir.

(2) Interpolação em matrizes sem atrator

a. [19,1 CL RJ] Eu **ME não julgo** criminoso e quando for chamado a contas apresentarei os títulos de minha defeza se he que os innocentes se justificão.

(3) Interpolação de constituintes diferentes de “não”

a. [19,2 CL BA] *Implantem-se no animo nacional novos habitos, desperte-se, cultive-se e estenda se a iniciativa individual, e a organização administrativa, ainda permanecendo a mesma, justificar-se-ha da imputação que **lhe hoje fazem.***

b. [19,1 CL CE] **ME muito afoítesa**, senhor redactor pedirem se taes attestados: os dois primeiros senhores ja lhe diceraõ abertamente, que naõ lhe davaõ attestados

(4) subida de clíticos em matrizes sem atrator

a. [20,2 CR CE] O objetivo de tal união **SE póde precisar** sem dificuldades.

b. [19,2 A CE] O papel **NOS deverão ser fornecido**, e a[s] out[r]as impre[ss]oe[s] serão feitas, segundo o que se convencionar.

(MARTINS, 2018, p. 162, 163 e 205)

Em textos do século XX, a próclise em contextos neutros [XP]clV passa a ser a opção majoritária, principalmente em sentenças com sujeitos antepostos ao verbo, quando este está na segunda ou terceira posição superficial, como ilustram os dados em (5) e (6).

⁶ Os códigos que precedem os dados codificam o seguinte: *Século* - 19.1, 19.2, 20.1 e 20.2; *Gênero textual* - LR: cartas de leitores; LJ: cartas de jornalistas; A: anúncio; TP: peça teatral; *Estado Brasileiro* - SC: Santa Catarina; RJ: Rio de Janeiro; BA: Bahia; PE: Pernambuco; RN: Rio Grande do Norte; CE: Ceará.

⁷ Destacamos aqui que a interpolação em sentenças matrizes sem atrator e a interpolação de constituintes diferentes do marcador de negação frásica “não” são encontrados também em dados dialetais do PE (cf. MARTINS, 2013). Considerando que há a possibilidade de esses dados estarem também associados a arcaísmos da gramática do PCI, não podemos descartar a hipótese de que os dados encontrados na escrita brasileira da primeira metade do século XIX podem estar associados ainda à gramática do PCI. Para um panorama das construções com interpolação na história do português, remetemos à leitura de Namiuti (2008).

(5) [Sujeito]cIV

[20,1 CL PE] **Wamberto se insere** no rol dos meus mais caros e achegados amigos.

(6) [XP][Sujeito]cIV

[20,2 CL PE] **No Carnaval ele se diverte**, na Páscoa penas no Cristo morto.

A hipótese que buscamos defender neste texto é a de que a mudança na posição do sujeito e na colocação de clíticos no contexto neutro atestada na escrita brasileira oitocentista é reflexo de uma mudança que está na origem da gramática do PB em relação ao PCI – que muito possivelmente se inicia no século XVIII, seguindo a proposta de Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006). Essa mudança estaria associada à perda das propriedades de uma língua do tipo-V2 com movimento do verbo para C, como mostram Galves e Paixão de Sousa (2017) sobre a mudança do PCI para o Português Europeu (PE). Muito naturalmente, a implementação da mudança na escrita brasileira no curso temporal ocorre de modo que, até meados do século XIX, encontramos nos textos resquícios da gramática do PCI que competem com construções geradas pela gramática do PB e, ainda, via pressão da norma lusitana, do PE. Esse quadro pode ser (e tem sido) interpretado como um caso de competição de gramáticas nos termos de Kroch (1989), em que três gramáticas históricas do português, na concepção de Mendível-Giró (2015), convivem na escrita oitocentista brasileira: as gramáticas do PCI, do PE e do PB (ver CARNEIRO, 2005, CAVALCANTE, 2006, MARTINS, 2009; CARNEIRO, GALVES, 2010). Buscamos aqui propor uma análise alternativa para a explicação do fenômeno da próclise em ambientes neutros na escrita brasileira oitocentista, como detalharemos na seção seguinte.

O artigo se organiza em três seções para além desta introdução e das referências bibliográficas. Em 1, delimitamos o problema em tela: a evolução da próclise em ambientes neutros na escrita brasileira oitocentista; em 2, apresentamos duas análises de regra variável da colocação de clíticos em contextos ([XP])[XP]V em diferentes amostras – de textos de jornais e cartas pessoais, buscando observar a correlação entre próclise e ordem SV; em 3, para concluir a discussão, buscamos algumas explicações para a dinâmica da mudança.

1. DELIMITANDO O PROBLEMA: A EVOLUÇÃO DA PRÓCLISE EM AMBIENTES NEUTROS ([XP])[XP]V

A próclise em contextos neutros [XP]V é uma evidência sintática interessante para a observação do reflexo da gramática do PB na escrita brasileira dos séculos XIX e XX. Mais particularmente, definimos neste artigo por ambientes neutros ([XP])[XP]V sentenças matrizes, em que o constituinte antecedente do verbo é um sujeito não focalizado, conforme dado em (7), um sintagma preposicional (8), um advérbio de qualquer natureza⁸ (9) ou uma oração subordinada (10):

⁸ Consideramos todos os advérbios porque estudos sobre a diacronia no PB mostram que esse é um contexto de variação no século XIX (CARNEIRO, 2005, MARTINS, 2009).

(7) Verbo precedido de sujeito

[20,2 CL SC] **Vocês** se lembram daquela umsiquinha que diz assim: Choveu, choveu Choveu Canasvieiras encheu Quando choveR34001

(8) Verbo precedido de sintagma preposicional

[19,1 A SC] **No armazem de Henrique Schutel** vende-se milho a 1:280 réis o saco

(9) Verbo precedido de advérbio

[19,2 CL SC] Minha filha tomou 18 frascos [de] Peitoral de Cambará e **hoje** acha-[se] completamente restabelecida.

(10) Verbo precedido de oração subordinada

[20,1 CL SC] **Atendendo ao seu longo passado**, cumpre nos todavia levar ao conhecimento de Vossa senhoria que não podemos mais evitar a explosão do nosso operariado que esta se manifestando profundamente desgostoso com a atitude do Senhor Neitsch.

Estudos sobre a posição do clítico na história do português escrito no Brasil nos séculos XIX e XX mostram uma (significativa) queda no uso da próclise nesse ambiente, da primeira para a segunda metade do século XIX (LOBO 1992; PAGOTTO 1992; SCHEI 2003; DUARTE; PAGOTTO 2005; GALVES; TORRES MORAES; RIBEIRO 2005; CARNEIRO 2005; MARTINS 2009, 2018; CARNEIRO; GALVES 2010; CAVALCANTE; DUARTE; PAGOTTO 2011). Para a evolução da próclise nesse contexto, Martins (no prelo), com base em uma amostra de jornais impressos em diferentes estados brasileiros e peças de teatro, encontra os resultados sistematizados no gráfico da Figura 1:

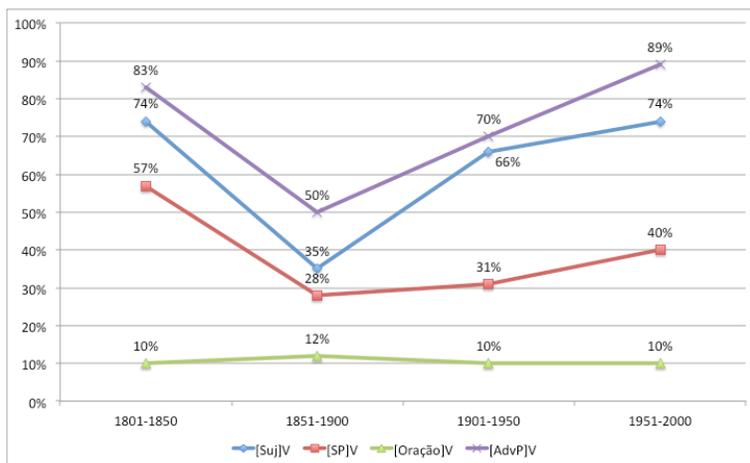


Figura 1. Próclise em contextos neutros no português escrito no Brasil dos séculos XIX e XX

Esse quadro é aquele encontrado nos (muitos) estudos sobre a colocação de clíticos na história do português escrito no Brasil: há uma acentuada queda na próclise em textos da primeira para a segunda metade do século XIX. Essa queda (ou mudança fracassada) tem sido interpretada como o resultado da pressão da norma lusitana na escrita brasileira do século XIX, fixada pelos padrões enclíticos da gramática do PE (cf. PAGOTTO, 1998; CARNEIRO, 2005). Apresentamos aqui outra hipótese para interpretar esses resultados: a próclise gerada pela gramática do PB no contexto [XP]V começa a aparecer com significativa expressividade apenas em textos brasileiros oitocentistas da segunda metade do século XIX, de modo que aquela atestada na escrita da primeira metade do século XIX é, ainda, resquício de uma gramática do tipo-V2, como o PCI.

Galves e Paixão de Sousa (2017), analisando textos escritos em português entre os séculos XVI e XIX extraídos da base de dados do projeto *Corpus Histórico Tycho Brahe*, sustentam a hipótese de que as estruturas Sujeito-Verbo(-[XP]) em que X é um constituinte qualquer, como (11) a seguir, estão associadas a “diferentes estruturas e diferentes gramáticas” (*Ibid.*, p. 162): em textos de 1500 a 1600, “corresponde a construções em que o sujeito pré-verbal é topicalizado como qualquer construção XV(S)” (*Ibid.*, p. 163), como (12); em textos de 1700 a 1800, “corresponde a sujeitos em posições canônicas” (*Ibid.*, p. 163), como (13).

(11) **Christo Senhor nosso, disse** a seus Discipulos, que o segredo (“Sermões” de Pe Antonio Vieira (1608), exemplo 1 de GALVES; PAIXÃO DE SOUSA, 2017, p. 157)

(12) Ao mercador que me trouxe **mandou Pero de Faria...** (“Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto (1510), exemplo 8 de GALVES; PAIXÃO DE SOUSA, 2017, p. 161)

(13) **Esta reflexão** lhe basta para saber quem (“Cartas” de Marquesa de Alorna (1750), exemplo 19 de GALVES; PAIXÃO DE SOUSA, 2017, p. 173)

Na proposta das autoras, essas diferentes estruturas geradas por diferentes gramáticas – pela gramática do PCI e do PE – estão associadas a uma mudança no modelo prosódico da gramática moderna do português que leva à reanálise da posição do sujeito em construções Sujeito-Verbo-clítico e à perda do movimento do verbo para CP. Em outras palavras, o PE muda em relação ao PCI, passando a uma língua do tipo-SV com reanálise da posição do sujeito nas construções SV, com perda do movimento longo do verbo para CP e com uma mudança da próclise em direção à ênclise em ambientes neutros.

Seguindo a proposta de Galves e Paixão de Sousa (2017), consideramos que o PCI partilha propriedades de línguas do tipo-V2 rígidas como a de não ter uma posição fixa pré-verbal para os sujeitos. Em outras palavras, por língua do tipo-V2 assumimos aquelas que licenciam qualquer elemento, incluindo sujeitos, mas não obrigatoriamente sujeitos, na posição pré-verbal. Essa é uma propriedade

que diferencia o PCI do PE e do PB, línguas em que a posição pré-verbal, não topicalizada, é destinada obrigatoriamente a sujeitos.

Uma evidência paralela para a hipótese alternativa que trazemos aqui é o fato de na escrita da primeira metade do século XIX a estrutura associada à construção [XP]V é a de uma gramática que licencia qualquer elemento na posição pré-verbal e não apenas o sujeito, como mostram por exemplo os resultados de Berlinck e Coelho (2018) sobre a evolução da ordem SV e a perda de VS na escrita brasileira, que mostraremos com mais vagar na próxima seção.

A hipótese, portanto, é de que a escrita brasileira da primeira metade do século XIX reflete, ainda, o padrão proclítico [XP]cIV da gramática do PCI e apenas na segunda metade desse século se atesta a próclise gerada pela gramática inovadora do PB. Nesse sentido e direção, a explicação dada por Pagotto (1998) e Carneiro (2005) de que a queda na próclise no contexto neutro em textos da primeira para segunda metade do século XIX é resultado da interferência do padrão enclítico da gramática do PE deve ser relativizada. Muito naturalmente, a pressão da norma lusitana na escrita no Brasil da segunda metade do século XIX é uma realidade (e atestam isso os resultados reunidos em Cyrino e Torres Morais, 2018), mas no que se refere à próclise no contexto neutro, apresentamos evidências de que ela acompanha a mudança da gramática do tipo-SV, como a gramática do PB, que perde as propriedades de uma gramática do tipo-V2 como o PCI.

Com a análise de dados em duas amostras, buscaremos mostrar na próxima seção que a mudança na posição de clíticos nesse contexto está relacionada a uma mudança no licenciamento da posição disponível para o sujeito na gramática do PB, e conseqüentemente à ordem SV.

2. ORDEM DO SUJEITO E COLOCAÇÃO DE CLÍTICOS

Com o propósito de investigar a correlação entre a ordem do sujeito SV e a posição de clíticos em contextos neutros ([XP])[XP]V em sentenças matrizes na escrita brasileira nos séculos XIX e XX, apresentamos a análise da colocação pronominal relacionada com a posição do sujeito em duas amostras distintas: uma amostra de cartas de leitores, cartas de redatores e anúncios de jornais dos séculos XIX e XX (subseção 2.1) e uma amostra de cartas pessoais escritas por brasileiros nascidos entre os séculos XIX e XX (subseção 2.2).

2.1 Ordem do sujeito e colocação de clíticos em textos de jornais brasileiros

A análise de regra variável que realizamos contempla dados de cartas de leitores, cartas de redatores e anúncios de jornais de cinco estados: Santa Catarina, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Ceará. Analisamos as ocorrências com clíticos em ambientes neutros ([XP])[XP]V, não ativadores de próclise, em que o constituinte que antecede imediatamente o verbo é um sujeito, um PP, um advérbio ou uma oração subordinada, conforme dados em (3)-(6) acima. 810 ocorrências foram submetidas à análise multivariada com os programas do pacote estatístico

GoldVarb (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2018), com a aplicação da variável dependente “colocação do clítico” correlacionada aos seguintes fatores: (a) a posição superficial do verbo – em segunda [XP]V ou terceira posição [XP][XP]V; (b) a natureza do constituinte que antecede imediatamente o verbo em contextos ([XP])[XP]V; (c) a natureza do constituinte que antecede o verbo em segunda posição, em contextos [XP][XP]V; (d) a ordem e realização do sujeito; (e) a natureza do sujeito expresso – pronominal, DP, DP + relativa; (f) a forma do clítico; (g) o gênero do texto; (h) o período de publicação do texto; e (i) o estado onde fora publicado o texto.

A evolução da próclise em contexto ([XP])[XP]V com sujeitos DP pré-verbais e da realização e ordem SV do sujeito no contínuo temporal, nessa amostra, pode ser observada no gráfico da Figura 2, a seguir:

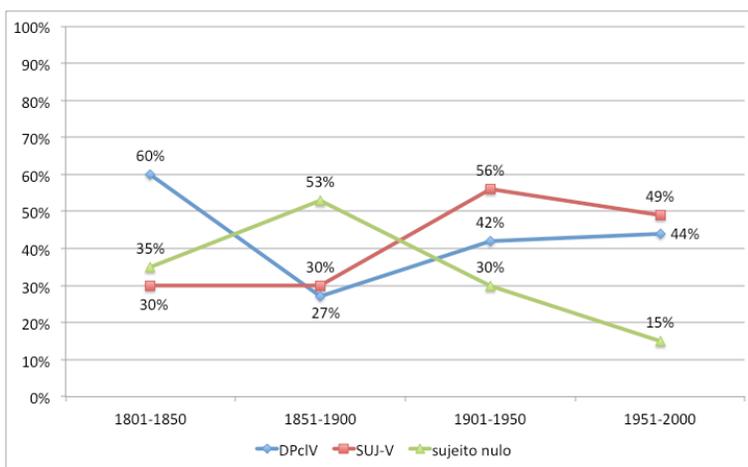


Figura 2. Próclise em contextos ([XP])[DP]V, ordem SV e realização do sujeito em textos de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX

A evolução na próclise no contexto [DP]V segue aquela encontrada em estudos anteriores e sistematizada nos gráficos da Figura 1 na seção 1 deste artigo. Destacamos primeiramente que, em textos da primeira metade do século XIX, há 60% de próclise em sentenças com sujeitos DP pré-verbais e a ordem SV é de 30%, passando para uma média de 50% em textos do século XX. Considerando essa evolução, as próclises geradas em contextos ([XP])[DP]V, com sujeitos DP antepostos, em textos da primeira metade do século XIX, parecem não estar associadas a uma gramática do tipo-SV como o PB. Segundo, há uma significativa queda em sujeitos nulos de 53% em textos da segunda metade do século XIX para 15% em textos da segunda metade do século XX. Esses resultados sugerem que textos da primeira metade do século XIX refletem propriedades de uma gramática do tipo-V2 e sujeitos nulos com próclise em contextos ([XP])[DP]V. Em textos a partir da segunda metade do século XIX, evidenciam-se propriedades de uma gramática do tipo-SV, com sujeitos lexicalizados e próclise em ambientes ([XP])[DP]V (cf. BERLINCK, 1988, 1989, 1995; COELHO, 2006; CAVALCANTE,

2018; BERLINK; COELHO, 2018). Voltaremos a esses resultados mais adiante. Passemos antes aos resultados gerais deste primeiro momento de investigação dos fenômenos na amostra.

A análise multivariada com a totalidade dos dados selecionou como estatisticamente relevante, na melhor rodada com *Log likelihood* de -412.276 e *Significance* de 0.040, o período de publicação/escrita dos textos: a primeira metade do século XIX (peso relativo de 0.62) condiciona a próclise, em oposição à segunda metade do XIX (peso relativo de 0.41) e ao século XX (pesos relativos de 0.50 e 0.47). A seleção da variável “período” reforça o que um de nós (MARTINS, no prelo) afirma em trabalhos anteriores sobre o fato de que textos escritos no Brasil da primeira metade do século XIX precisam ser considerados à parte dos textos da segunda metade, que mais se assemelham aos padrões da sintaxe encontrada no século XX. Por esse motivo, foram realizadas duas rodadas separadas: **Rodada 1**, com os dados da primeira metade do século XIX; e **Rodada 2**, com dados da segunda metade do século XIX e do século XX. Nessas novas rodadas multivariadas, o período já não foi selecionado como uma variável relevante e os resultados obtidos estão descritos nas subseções que seguem.

2.1.1 A primeira metade do século XIX: reflexos de uma gramática conservadora, o PCI

A melhor rodada multivariada, com *Log likelihood* de -80.463 e *Significance* de 0.033, selecionou das variáveis controladas: (a) a natureza do constituinte que antecede imediatamente o verbo em contextos ([XP])[XP]V, (b) a forma do Cl, (c) o estado onde fora escrito o texto, e (d) a posição do sujeito. Observemos, a seguir, os resultados da primeira variável.

	Occ. - %	Prob.
Advérbio	31/37 – 83,8%	0,89
PP	23/44 – 52,3%	0,64
Sujeito	36/51 – 70,6%	0,47
Oração subordinada	6/98 – 6,1%	0,26
Total		

Tabela 1. Próclise por natureza do constituinte que antecede imediatamente o verbo no contexto ([XP])[XP]V – Rodada 1: dados da primeira metade do século XIX (1801-1850)

Os resultados mostram que (1) advérbios (peso relativo de 0,89) em oposição a PPs (0,64), sujeitos (0,47) e orações subordinadas (0,26) imediatamente antecedentes ao verbo são os contextos que mais condicionam a próclise; (2) sintagmas preposicionais (peso relativo de 0,64), em oposição a sujeitos (peso relativo de 0,47) e oração subordinada (peso relativo de 0,26), também se mostram um fator condicionar da próclise; e (3) orações subordinadas em oposição aos demais constituintes são contextos que inibem a próclise de um modo geral (ver dados de (7)-10) acima). Esse resultado era esperado, pois incluímos aqui todos os

advérbios por considerar estudos anteriores sobre o português escrito no Brasil do século XIX que mostraram variação na posição de clítico em sentenças com todos os tipos de advérbios (MARTINS, 2009, 2012, 2018; CARNEIRO 2005).

O tipo de clítico foi a segunda variável selecionada e os resultados mostram que há condicionamento dos clíticos *lhe*, *o/a*, *nos* e *me* em oposição ao clítico *se* nos dados da primeira metade do século XIX:

	Occ. - %	Prob.
lhe	14/19 – 73,7%	0,92
o/a	19/28 – 67,9%%	0,87
nos	6/9 – 66,7 %	0,74
me	9/18 – 50%	0,64
se	44/52 – 28,9%	0,31
Total	92/226 – 40,7%	

Tabela 2. Próclise por tipo de clítico – Rodada 1: dados da primeira metade do século XIX (1801-1850)

Os dados com o clítico *se* na escrita da primeira metade do século XIX são contextos de resistência à próclise e aparecem na função apassivadora/ indeterminada (cf. exemplos (14), (15) e (16)). Uma análise refinada em separado por forma e função dos clíticos se faz necessária em trabalhos futuros.

(14) [19,1 CL CE] Agora **pergunta-se**: não foi depois de tudo isto que Sua Senhoria me honrou com a | escolha de juiz de paz?

(15) [19,1 A SC] Na rua do Principe número 80 **vendem-se** pelles de Carneiro a 640.

(16) [19,1 A SC] **Vende-se** 216 braças de terra com 1:500 de fundo sitas ao rio Embahú no logar denominado – Madre--:quem as pretender comprar **dirija-se** a Antonio de Freitas Noronha, ou á Manoel Luiz do Livramento.

A terceira variável selecionada mostra uma especificidade diatópica nos textos da amostra desse período: textos do Rio de Janeiro e da Bahia (com pesos relativos de 0,69 e 0,64) condicionam a próclise em contextos neutros em oposição a textos de Pernambuco, do Ceará e de Santa Catarina (com pesos relativos de 0,42, 0,33 e 0,23):

	Occ. - %	Prob.
Rio de Janeiro	40/78 – 51,3%	0,69
Bahia	12/35 – 34,3%	0,64
Ceará	18/39 – 46,2%	0,42
Pernambuco	18/39 – 46,2%	0,33
Santa Catarina	8/39 – 20,5%	0,23
TOTAL	96/230 – 41%	

Tabela 3. Próclise por Estado – Rodada 1: dados da primeira metade do século 19 (1801-1850)

Os textos dos estados do Rio de Janeiro e da Bahia se mostram “mais conservadores” que os textos da região nordeste e do sul, aqui representado por SC, da primeira metade do século XIX. Há, portanto, um condicionamento da próclise no contexto ([XP])[XP]V nos dois primeiros estados.

(17) [19,1 A SC] Quem quizer comprar hum pardo, que terá de idade 19 a 20 annos, sadio, e sem vicios, proprio para lacaio ou bolieiro, tambem entende alguma cousa de copeiro; nesta Typoraphia **se dirá** a quem se deve fallar.

(18) [19,1 A SC] Na rua do governador caza numero 11, **preciza-se** alugar uma preta que saiba lavar, engomar, cozinhar, e o mais serviço todo de uma caza.

A última variável selecionada foi mais uma variável linguística: realização e posição do sujeito, conforme dados sistematizados na Tabela 4 e exemplos, a seguir.

	Occ. - %	Prob.
SV	47/143 – 32,9%	0,69
VS	21/36 – 58,3%	0,51
Nulo	17/35 – 48,6%	0,29
TOTAL	85/214 – 39,7%	

Tabela 4. Próclise por realização e posição do sujeito – Rodada 1: dados da primeira metade do século 19 (1801-1850)

Nos dados da primeira metade do século XIX, é a oposição entre sujeitos preenchidos *versus* sujeitos nulos que se mostra um fator condicionador da próclise no contexto ([XP])[DP]V: sujeitos preenchidos e antepostos (peso relativo de 0,69) ou pospostos (peso relativo de 0,51) condicionam a próclise em oposição a sujeito nulos (peso relativo de 0,29). Nas construções com sujeitos nulos com forte inclinação para ênclise encontramos na posição pré-verbal advérbios, PPs ou orações subordinadas, conforme ilustram os dados em (19).

(19) Vcl com sujeitos nulos

a. [19,1 CL BA] calumnioso, porque todos sabem, que eu não sou capaz de fazer contractos simulados; e injusto, porque, quando comprei á dita venda, o vendedor Francisco de Moraes, não tinha impedimento algum: e **assim comprei-a** muito bem

b. [19,1 CL PE] **Em 1830 tornou-se** original em suas votações, e ultimamente aceitou a Pasta da Fazenda.

2.1.2 A segunda metade do século XIX e o século XX: reflexos da gramática inovadora, o PB

Na análise de textos da segunda metade do século XIX e do século XX, a melhor rodada multivariada, com *Log likelihood* de -333.698 e *Significance* de 0.012, selecionou as variáveis (a) a natureza do constituinte que antecede imediatamente o verbo em contextos ([XP])[XP]V, (b) a posição superficial do verbo, e (c) o estado onde fora escrito o texto.

Apesar de ter sido também a primeira variável selecionada no condicionamento da próclise nos dados da segunda metade do século XIX e do século XX, os resultados da variável “natureza do constituinte que antecede imediatamente o verbo” mostram que há um condicionamento dos advérbios (peso relativo de 0,82) em oposição a todos os demais constituintes (pesos relativos de 0,53 para sujeitos, 0,41 para PP e 0,17 para orações subordinadas). Em textos deste segundo período analisado, de 1851 em diante, os sintagmas preposicionais perdem força no condicionamento da próclise em oposição aos sujeitos, como mostra o quadro para os textos da segunda metade do século XIX.

	Occ. - %	Prob.
Advérbio	68/92 – 73,9%	0,82
Sujeito	105/249 – 42,2%	0,53
PP	45/152 – 29,6%	0,41
Oração subordinada	9/88 – 10,2%	0,17
Total	227/581 – 39,1%	

Tabela 5. Próclise por natureza do constituinte que antecede imediatamente o verbo no contexto ([XP])[XP]V – Rodada 2: dados da segunda metade do século XIX (1851-1900) e primeira metade do século XX (1901-2000)

Em textos da segunda metade do século XIX e do século XX, não há oposição significativa entre PPs e sujeitos, pois os pesos relativos para ambos os fatores são muito próximos, 0,53 e 0,41, respectivamente. As orações subordinadas em posição pré-verbal de igual modo ao quadro encontrado para a primeira metade do século XIX inibem a próclise em oposição a todos os contextos.

A segunda variável selecionada mostra que a próclise é condicionada por construções com o verbo em terceira posição superficial (peso relativo de 0,61),

conforme dados em (20), em oposição a construções com o verbo em segunda posição (peso relativo de 0,46), conforme dados em (21). Os resultados estão na Tabela 6.

(20) [XP]SV

a. [20,2 CL CE] [**Após o governo democrático e de processo de Juscelino, com João Goulart na presidência, [uma onda de subversão]** se espalhou por todo o país, comandada por uma minoria sedenta de reformas, cega de paixões, que ameaçava incendiar a nação se, suas teses não fossem postas em prática

b. [20,2 CR CE] [**Para nós, do Nordeste, que vivemos, todos os anos, o “suspense” das chuvas, sem dispor de dados por mais elementares que sejam, para orientar a agricultura e a pecuária, [as declarações do técnico da OMM]** se revestem de inegável significação.

(21) [XP]V

a. [19,2 A SC] [**No dia 28 do passado]** reuniu-se em sessão extraordinária, a câmara municipal, sob a presidência do excelentíssimo senhor arão de Ferreira Bandeira.

b. [20,1 CL PE] [**O Papa]** nos diz: “A paz não será autêntica senão quando ela for o fruto da justiça.

	Occ. - %	Prob.
[XP]V	157/458 – 34,3%	0,46
[XP][XP]V	70/123 – 56,9%	0,61
TOTAL	227/581 – 39,1%	

Tabela 6. Próclise por posição superficial do verbo – Rodada 2: dados da segunda metade do século XIX (1851-1900) e primeira metade do século XX (1901-2000)

As construções com o verbo em terceira posição superficial em dados dos textos a partir de 1851 apresentam uma configuração em que o sujeito está necessariamente anteposto, e quase sempre contíguo, ao verbo e antecedido por outro material [XP], como um PP, conforme dados em (20). Esse resultado sugere que a próclise em contextos ([XP])[XP]V nos dados da segunda metade do século XIX e do século XX seja derivada por uma gramática do tipo-SV, pois em todas as ocorrências com dois constituintes em posição inicial o sujeito está anteposto e contíguo ao verbo. Esse não é o quadro da escrita da primeira metade do século XIX em que essa variável não foi selecionada pelos programas do pacote estatístico GoldVarb na análise multivariada.

A terceira variável selecionada foi o Estado em que o texto fora publicado:

	Occ. - %	Prob.
Rio de Janeiro	65/172 – 37,8%	0,44
Bahia	40/151 – 26,5%	0,41
Ceará	37/85 – 43,5%	0,54
Pernambuco	41/151 – 43,6%	0,61
Santa Catarina	44/79 – 55,7%	0,60
TOTAL	96/230 – 41%	

Tabela 7. Próclise por Estado – Rodada 2:
dados da segunda metade do século XIX (1851-1900 e do século XX (1901-2000)

As diferenças nos pesos relativos entre os fatores não são maiores que 0,20, mas sugerem uma diferença estatística entre os estados do Rio de Janeiro e da Bahia de um lado, com menor probabilidade de uso da próclise e os estados do Pernambuco, e do Ceará e de Santa Catarina, de outro lado, onde a probabilidade é maior. Esse resultado se contrasta àquele encontrado para a escrita da primeira metade do século XIX em que os estados do Rio de Janeiro e da Bahia condicionavam a próclise. Nos dados da segunda metade do século XIX e do século XX, o quadro se inverte e esses dois estados, Rio de Janeiro e Bahia, passam a inibir a próclise no contexto ([XP])[XP]V. Esse resultado reforça o argumento que vimos defendendo aqui de que a próclise em textos da primeira metade do século XIX não parece ser a mesma que a encontrada em textos escritos a partir da segunda metade desse século. Nossa hipótese é a de que na escrita da primeira metade do século XIX a próclise encontrada no contexto ([XP])[XP]V é gerada por uma gramática do tipo-V2 como o PC1. Será a partir da segunda metade do século XIX que “a tinta do PB” (para retomar Tarallo, 1993) se deixa escorrer com mais expressividade na escrita brasileira. Passemos agora à análise da colocação pronominal em cartas pessoais em comparação com os dados de jornais a fim de saber se a mudança ocorre da mesma forma em uma amostra diferente.

2.2 Ordem do sujeito e colocação de clíticos em cartas pessoais

Nesta seção, apresentamos a análise do fenômeno da colocação de clíticos em relação à posição do sujeito em cartas pessoais de brasileiros nascidos entre os séculos XIX e XX. Consideramos as sentenças matrizes em ambientes neutros, ou seja, XV, em que X não é um operador de próclise, mas um sujeito (pronominal e nominal), um sintagma adverbial e sintagma preposicionado. Com relação aos dados da posição de sujeito, fazemos referências aos trabalhos de Cavalcante (2018) sobre a posição do sujeito em cartas pessoais. Os contextos controlados foram: a natureza do constituinte XP que antecede imediatamente o verbo, a posição do sujeito e a data de nascimento do missivista. Para uma visão geral dos resultados gerais em diferentes contextos, vamos apresentar a análise dos **1589** dados em três contextos distintos em sentenças matrizes: V1 absoluto, V1 em início de oração e XV, como descrito acima e ilustrado nos exemplos a seguir:

(22) V1 absoluto

a. **Me chamo** Alessandra, apelido Danda, tenho 22 anos e sou ariana. (Alessandra, 16/06/2012)

(23) V1 em início de oração

a. Amanhã a noite se eu ficar sosinho em casa, **te escreverei** uma carta como tu gostas bem grande e bonita, (Jayme, 13/02/1937)

(24) XV

a. Mas a música **me da** ânimo mesmo... (Wesley, 09/09/2010)

b. Um italiano **me pediu** licença para escrever em Revista do seu paiz um artigo, mas creio que ficou nisso. (Fernando Pedreira, 22 de setembro de 1924)

c. Eu na noite de terça feira para quarta eu tive um sonho com voçe eu depois **tecomto**. (Maria, 07/10/1936)

O percentual geral de próclise é de 59% nesses contextos e variável ao longo do tempo, como podemos ver na Tabela 8, a seguir. Vemos que nos três contextos o índice de próclise cresce e chega a 84%, 90% e 97% em contextos V1 absoluto, V1 e XV em textos do último período. Os resultados gerais estão expressos nos gráficos da Figura 3.

	#V1	V1	XV	Total
1826-1850	0/6 – 0%	1/13 – 13%	15/39 – 38%	16/58 – 28%
1851-1875	2/27 – 7%	4/11 – 36%	31/38 – 82%	37/76 – 49%
1876-1900	31/187 – 17%	41/95 – 43%	243/322 – 75%	315/604 – 52%
1901-1925	3/57 – 5%	12/76 – 16%	94/181 – 52%	109/314 – 35%
1926-1950	1/5 – 20%	6/16 – 38%	30/43 – 70%	37/64 – 58%
1951-1975	51/65 – 78%	45/58 – 78%	275/284 – 97%	371/407 – 91%
1976-2000	21/25 – 84%	9/10 – 90%	30/31 – 97%	60/66 – 91%
Total	109/327 – 29%	118/279 – 42%	718/938 – 77%	945/1558 – 59%

Tabela 8: A próclise por contexto sintático e data de nascimento do missivista

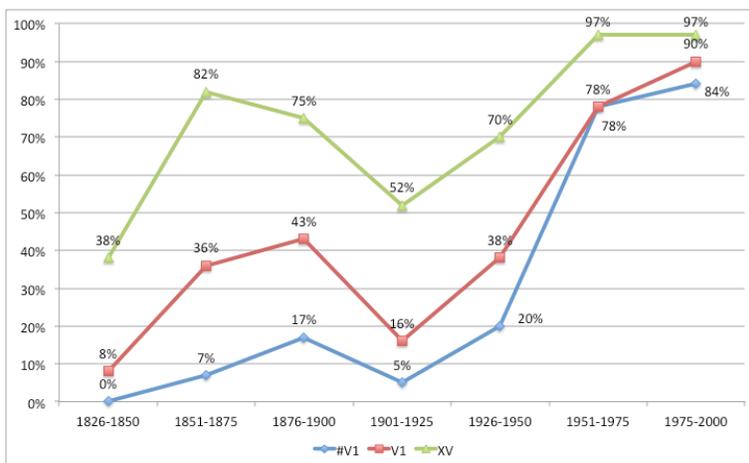


Figura 3: A próclise por contexto sintático, segundo a data de nascimento do missivista

Podemos perceber que nas cartas dos missivistas nascidos ao longo do século XIX e do primeiro quartel do século XX parece haver resistência à próclise em primeira posição, com índices baixos para V1 absoluto e uma certa variação para V1 em início de sentença. Os índices de próclise nos documentos dos missivistas nascidos a partir de 1926 começam a crescer até chegar a 84% em V1 absoluto (enquanto no início do século XIX era 0%), 90% em V1 em início de sentença (contra 8% no início do século XIX) e 97% (versus 38% no início do século XIX) para os contextos XV.

Vejamos agora a natureza do elemento imediatamente antes do verbo em contextos XV para saber se há uma diferença entre ser um DP sujeito ou um XP adverbial ou sintagma preposicional nas construções proclíticas. A distribuição de próclise nesses contextos pode ser vista na Tabela 9, a seguir, e ilustrada com os índices percentuais da Figura 4:

	1826-1850		1851-1875		1876-1900		1901-1925		1926-1950		1951-1975		1975-2000	
	N/T	%	N/T	%										
Suj. Pron	0/0	-	4/5	80%	46/52	88%	47/72	65%	12/14	86%	103/103	100%	12/12	100%
Suj. SN	2/8	25%	11/13	85%	129/177	73%	10/28	36%	7/9	78%	76/76	100%	3/3	100%
PP-ADVP	3/9	33%	5/8	63%	64/87	74%	13/24	54%	6/7	86%	45/46	98%	6/6	100%

Tabela 9: A próclise em contexto XV por data de nascimento do missivista

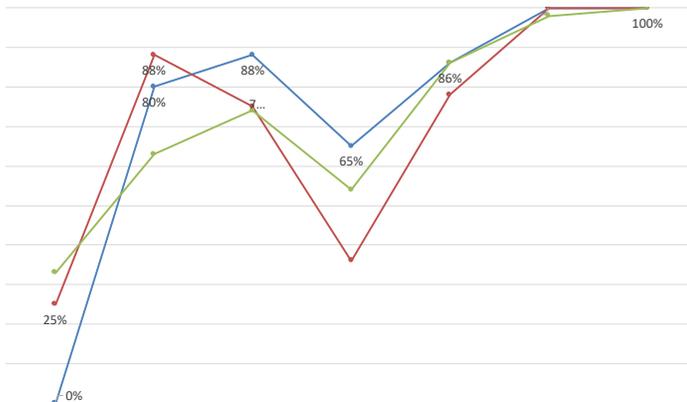


Figura 4: A próclise em contexto XV por data de nascimento do missivista

Os índices de próclise nos contextos XV aumentam da mesma maneira independentemente do tipo de elemento que antecede o verbo: seja um sujeito pronominal, um sujeito DP ou um XP adverbial ou sintagma preposicionado. A diferença reside nos textos dos missivistas nascidos até 1901-1925 e nos nascidos após 1925. Aparentemente, as cartas pessoais, por considerar a data de nascimento dos escreventes e não a data de publicação do texto, constituem uma amostra em que a “gramática brasileira”, a de próclise generalizada, aparece mais claramente do que nos textos dos jornais: independentemente do constituinte que antecede o verbo nos contextos XV, os índices são sempre crescentes. Além disso, em contextos V1, os índices também crescem ao longo do tempo até chegar a 90% de próclise, o que é um índice bem alto para textos escritos, em que a monitoração é maior e em que pesem as regras normativas.

Com relação à posição de sujeito, os resultados de Cavalcante (2018) para essa amostra de cartas pessoais revelam uma diminuição de VS ao longo do tempo, em comparação de SV, não só na sua frequência como nas construções: se nas cartas dos missivistas nascidos ao longo do século XIX são encontradas ocorrências de VS em sentenças subordinadas, com verbos transitivos ou interrogativas; nos documentos dos missivistas nascidos no penúltimo quartel do século XX há a predominância de construções “VS” com verbos inacusativos ou inversão locativa.

	1801-1825	1825-1850	1851-1875	1876-1900	1901-1925	1926-1950	1951-1975
SV	168 – 81%	129 – 80%	495 – 86%	1354 – 88%	519 – 89%	1351 – 94%	1481 – 92%
VS	39 – 19%	31 – 19%	72 – 13%	153 – 10%	50 – 9%	64 – 4%	102 – 6%
Suj-Cliv	2 – 1%	1 – 1%	7 – 1%	35 – 2%	11 – 2%	24 – 2%	23 – 1%
Total	209	161	574	1542	580	1439	1606

Tabela 10: Evolução de SV, VS e sujeitos clivados em cartas pessoais por data de nascimento do missivista (adaptado de Cavalcante, 2018)

A Figura 5, a seguir, mostra a evolução de SV e da próclise em contexto de XV, em que X é um sujeito, por metade de século, a fim de compararmos com os dados dos jornais que apresentamos na seção 2.1.

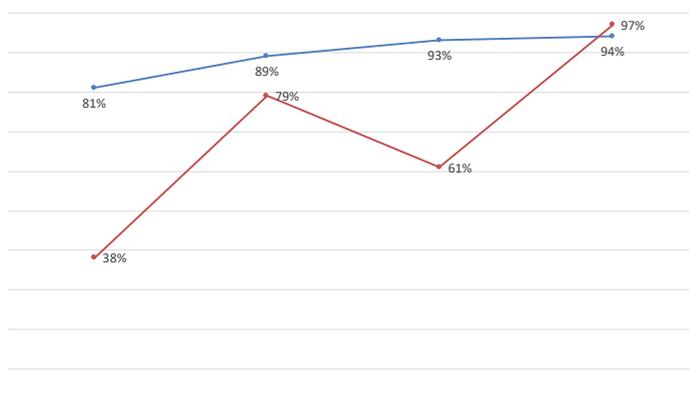


Figura 5: Evolução de SV e da próclise em contexto de XV

A variação na subida dos índices de próclise, no contexto XP-clV, é ligeiramente maior do que a variação na curva de SV: entre os missivistas nascidos na segunda metade do século XIX, de 1851 a 1900, para os nascidos na primeira do século XX, a partir de 1901, há uma ligeira queda nos índices de próclise seguida de um crescimento; ao passo que nas construções com SV o aumento é constante de 81% a 94% ao longo dos dois séculos.

3. INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÃO DESTE ARTIGO

Os resultados obtidos com as rodadas 1 e 2 em textos de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX (seção 2.1) mostram que as forças que atuam no condicionamento da próclise em ambiente neutro ([XP])[XP]V em textos da primeira metade do século XIX não são as mesmas que atuam em textos da segunda metade do século XIX e do século XX. As variáveis por ordem de seleção para os dois períodos estão sistematizadas no quadro 1 a seguir.

Rodada 1: textos da primeira metade do século XIX	Rodada 2: textos da segunda metade do século XIX e século XX
1. natureza do constituinte que antecede imediatamente o verbo em contextos ([XP])[XP]V	1. natureza do constituinte que antecede imediatamente o verbo em contextos ([XP])[XP]V
2. tipo do clítico	2. posição superficial do verbo
3. localidade de publicação (RJ e BA em oposição ao PE, CE e SC)	3. localidade de publicação (PE, CE e SC em oposição a RJ e BA)
4. ordem e realização do sujeito (nulos em oposição a preenchidos)	

Quadro 1. Ordem e seleção de variáveis que condicionam a próclise na amostra, segundo as Rodada 1: (primeira metade do século XIX) e Rodada 2 (segunda metade do século XIX e século XX)

A natureza do constituinte que antecede imediatamente o verbo no contexto ([XP])[XP]V foi selecionada nos dois períodos, mostrando uma força dos advérbios no condicionamento da próclise, mas apenas nos textos da primeira metade do século XIX os sintagmas preposicionais se apresentam relevantes em oposição a sujeitos e orações subordinadas. Em textos do primeiro período, há forças associadas ao “tipo de clítico” e “à realização do sujeito”, com sujeitos nulos inibindo a próclise em oposição a sujeitos realizados, antepostos ou pospostos ao verbo. Em textos do segundo período passa a atuar a força da posição do verbo no condicionamento da próclise, de modo que construções com o verbo em terceira posição superficial e sujeitos antepostos contíguos ao verbo condicionam a próclise em oposição a construções com o verbo em segunda posição superficial. Assim, a análise multivariada das forças linguísticas que atuam no condicionamento da próclise em contextos neutros nos dois períodos evidencia uma gramática com próclise e sujeitos nulos em textos da primeira metade do século XIX e uma gramática com sujeitos realizados e antepostos ao verbo, com preferência em construções [XP][S]V com o verbo em terceira posição absoluta.

Para os textos dos dois períodos, aqui divididos entre a primeira metade do século XIX e a segunda metade do século XIX e século XX, a evolução da próclise se manifesta diferente a depender da região: há mais próclise nos textos do Rio de Janeiro e da Bahia na primeira metade do século XIX em oposição aos demais

estados da região Nordeste, Pernambuco e Ceará, e do Sul, Santa Catarina; e esse quadro se inverte na segunda metade do século XIX e século XX.

Esse quadro sugere que há diferentes forças linguísticas e diatópicas atuando no condicionamento (i.e. no licenciamento) da próclise em ambientes neutros ([XP])[XP]V, o que evidencia uma correlação empírica entre os dois fenômenos investigados. Interpretamos essas diferenças como o reflexo da atuação de diferentes gramáticas na derivação da próclise nos dois períodos, de modo que, por um lado, apesar de superficialmente similar, a próclise no contexto [XP]cIV em textos da primeira metade do século XIX é gerada por uma gramática diferente daquela encontrada em textos da segunda metade do século XIX e século XX. Em textos do primeiro período atuam ainda forças de uma gramática conservadora com sujeitos nulos e com propriedades de uma língua do tipo V2 em que qualquer constituinte, inclusive o sujeito, pode estar numa posição anterior e contígua ao verbo, como o PCI. Em textos da segunda metade do século XIX e do século XX atuam forças de uma gramática com sujeitos realizados em SV, como o PB.

De certo modo, esse mesmo quadro se evidencia em cartas pessoais escritas por brasileiros nascidos nos séculos XIX e XX, uma vez que identificamos um aumento gradativo no percentual de SV (81 > 89 > 93 > 94%) e de XcIV (38 > 79 > 61 > 97). Desconsideradas as especificidades dos textos e do estilo dos missivistas, observamos uma queda acentuada da próclise na escrita de brasileiros nascidos na primeira metade do século XIX, que se reflete muito provavelmente na escrita publicada em jornais da segunda metade desse século. As cartas pessoais, no entanto, se mostram mais inovadoras em relação à anteposição do sujeito e uma gramática do tipo-SV, diferentemente do que observamos nos jornais impressos que parecem mais sensíveis a padrões arcaicos da gramática do PCI.

Os resultados mostram que apesar de haver uma correlação entre a posição do sujeito e a colocação de clíticos, a natureza social dos impressos evidencia traços arcaicos de uma gramática do tipo-V2, amenizados nas cartas pessoais. Essas são, no entanto, questões que permanecem abertas para investigações futuras, considerando uma amostra com outros gêneros textuais e uma maior robustez de dados.

REFERÊNCIAS

- BERLINCK, R. de A. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. São Paulo: Pontes, 1989, p. 95-112.
- BERLINCK, R. de A. *La position du sujet en portugais: etude diachronique des variétés brésilienne et européenne*. Tese de doutorado. Paris, 1995.
- BERLINCK, R. de A.; COELHO, I. L. A ordem do sujeito em construções declarativas na história do português brasileiro. In: CYRINO, S.; TORRES MORAIS, M. A. (Orgs.) *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*. São Paulo: Contexto, 2018, p. 308-381.

- BIBERAUER, T *et all.* *Parametric variation, Null subjects in minimalist theory.* Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CARNEIRO, Z. *Cartas brasileiras (1809-1904): um estudo linguístico-filológico.* Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- CARNEIRO, Z.; GALVES, C. Variação e gramática: colocação de clíticos na história do português brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, 18. 2: 7-38, 2010.
- CAVALCANTE, S. R. de O. *O uso de SE com infinitivo na história do português.* Do português clássico ao português europeu e brasileiro modernos. Tese de Doutorado – UNICAMP, 2006.
- CAVALCANTE, S. R. de O.; DUARTE, M. E. L.; PAGOTTO, E. Clíticos nos Século XIX: uma questão de posição social?. In: Dinah Callou; Afranio Barbosa. (Org.). *A Norma Brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 A 1899).* Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa / UFRJ, 2011, v. 1, p. 167-217.
- CAVALCANTE, S. R. de O. Revisitando as construções com se na história do português brasileiro. In: CYRINO, S.; TORRES MORAIS, M. A. (Orgs.) *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista.* São Paulo: Contexto, 2018, p. 382-419.
- CAVALCANTE, S. R. de O. Mudança na posição do sujeito em cartas pessoais brasileiras: a ordem VS e o estatuto informacional do sujeito. *DIADORIM (RIO DE JANEIRO)*, v. 20, p. 101-121, 2018.
- CYRINO, S.; TORRES MORAIS, M. A. (Orgs.) *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista.* São Paulo: Contexto, 2018.
- COELHO, I. L. Variação na sintaxe: estudo da ordem do sujeito no PB. In: RAMOS, J. (org.). *Estudos sociolinguísticos: quatro vértices do GT da ANPOLL.* Belo Horizonte: FALE: Ed. da UFMG, 2006, p. 84-99.
- COELHO, I. L.; MARTINS, M. A. A diacronia em construções XV na escrita catarinense. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v.6, n.1, p. 73-90, jan-jun, 2009.
- DUARTE, M. E. L.; PAGOTTO, E. Gênero e norma: avós e netos, classes e clíticos no final do século XIX. In: Lopes, Célia Regina dos Santos. (Org.). *A Norma Brasileira em Construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19.* 1a.ed. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2005, p. 67-82.
- GALVES, C. M. C.; RIBEIRO, I. M. de O.; MORAES, M. A. T. Syntax and morphology in the placement of clitics in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 4, n.2, p. 143-177, 2005.
- GALVES, C, NAMIUTI, C, PAIXÃO DE SOUSA, M C. Novas perguntas para antigas questões: a periodização do português revisitada. In Endruschat; Kemmler; Schäfer-Prie. *Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch.* Tübingen: Calapinus Verlag, 45-75, 2006.
- GALVES, C; PAIXÃO DE SOUSA, M C. The change in the position of the verb in the history of Portuguese: Subject realization, clitic placement and prosody. *Language*, v. 93, 152-180, 2017.
- KROCH, A. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variations and Change*, 1, 199-244, 1989.

- LOBO, T. *A colocação dos clíticos em Português. Duas sincronias em confronto*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 1992.
- MARTINS, A. M. Posição dos pronomes pessoais clíticos. In: RAPOSO, E. B. P. *et al.*, A. Gramática do Português. Vol II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, p. 2231-2302.
- MARTINS, M. A. *Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20*. 2009. 326p. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- MARTINS, M. A. A sintaxe dos pronomes pessoais clíticos na história do português brasileiro. In: CYRINO, S.; TORRES MORAIS, M. A. (Orgs.) *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*. São Paulo: Contexto, 2018, p. 150-209.
- MARTINS, M. A. Micro-variation and parametric change: the proclisis in ‘neutral contexts [XP] V’ in Brazilian writing. Berlin: *PhiN Philologie*, no prelo.
- MENDÍVIL-GIRÓ, J. L. 2015. *El cambio lingüístico*. Sus causas, mecanimos y consecuencias. Madrid: Síntesis.
- NAMIUTI, C. Aspectos da história gramatical do português: interpolação, negação e mudança. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- PAGOTTO, E. 1992. A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico. Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas: Campinas.
- PAGOTTO, E. 1998. *Norma e condescendência, ciência e pureza. Língua e instrumentos lingüísticos*, vol. 2, 49-68.
- SANKOFF, D; TAGLIAMONTE, S. A; SMITH, E. Goldvarb Z: A multivariate analysis application for Macintosh. 2018. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 4 de julho de 2020.
- TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d’aquém e d’além mar ao final do século XIX. In: Kato e Roberts. O português brasileiro: uma viagem diacrônica. Campinas, SP: Unicamp. 1993, p. 69-105.

Recebido: 9/7/2019

Aceito: 3/7/2020

Publicado: 22/7/2020